

**(Entre)linhas da arte e da história:  
da Pedra da Letra, ao trabalho artesão**

*(Between)lines of art and history:  
from Pedra da Letra, to artisan work*

Caio César Belo BOTELHO<sup>1</sup>  
Bianca Sobral FERNANDES<sup>2</sup>

### Resumo

Os símbolos sempre estiveram presentes nas vivências humanas, através deles, tornou-se possível registrar os acontecimentos que contam a história de um legado social e civilizatório. Registrar os avanços, as tecnologias e tudo aquilo que nos constitui enquanto sujeitos e que nos liga ao que veio antes de nós, uma incógnita a ser decifrada, pois é através do passado que vislumbramos o futuro (Krenac, 2022). A Pedra da Letra, em Mauriti, no interior do Sertão cearense, abriga um rico sítio arqueológico, com pinturas rupestres que resguardam os registros da ancestralidade de povos originários da região e que até hoje marcam a história do local, refletindo sua influência na cultura e nas artes, através do artesanato e do trabalho manual de artesãos que recriam as histórias contadas nas pedras, por meio de linhas, agulhas e panos, relação essa, que motiva as contribuições desta pesquisa.

**Palavras-chave:** Pedra da Letra. Artesanato. Ancestralidade. Cultura. Mauriti.

### Abstract

Symbols have always been present in human experiences, through them, it became possible to record events that tell the story of a social and civilizational legacy. Recording advances, technologies and everything that constitutes us as subjects and that connects us to what came before us, an unknown to be deciphered, as it is through the past that we glimpse the future (Krenac, 2022). Pedra da Letra, in Mauriti, in the interior of the Sertão of Ceará, houses a rich archaeological site, with cave paintings that protect the records of the ancestry of people originating in the region and that to this day mark the history of the place, reflecting its influence on culture and in the arts, through the crafts and manual work of artisans who recreate the stories told in stones, through threads, needles and cloth, a relationship that motivates the contributions of this research.

**Keywords:** Pedra da Letra. Craftsmanship. Ancestry. Culture. Mauriti.

---

<sup>1</sup> Graduado em jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: caiocbelob@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal do Piauí.  
E-mail: bifernandes50@gmail.com

## Introdução

O presente trabalho pretende analisar as relações construídas entre a memória e a sociedade local a partir de uma pequena localidade no interior do Ceará, na região do Cariri. A Pedra da Letra, é um sítio arqueológico situado em Mauriti, cidade que possui cerca de 45.561 habitantes<sup>3</sup> e com pouca referência na literatura sobre esse achado que resguarda fragmentos da história da humanidade, necessitando, portanto, de uma investigação e divulgação científica mais aprofundada. Para tanto, é possível destacar que o conhecimento em seu entorno, é resguardado e preservado através da oralidade da população que mora aos seus arredores. Desta feita, este trabalho em escala inicial, tornou-se possível a partir do contato com as narrativas dos mauritienses quando um dos proponentes desta pesquisa participou da “I Mostra de Cinema e Cultura: Reinado dos Mestres”, em abril deste ano.

Durante o trabalho realizado, foi possível identificar duas instituições locais, o Grupo PELE (Pedra da Letra), responsável pela preservação da rocha e do espaço; e a AMA (Associação Mauritiense de Artesanato). Enquanto o Grupo PELE faz a preservação do espaço, que já é reconhecido como Patrimônio Histórico Cultural pela lei municipal nº338 de 18 de dezembro de 1998, a AMA, se inspira nas escrituras rupestres presentes na Pedra da Letra para a difusão de artesanatos, reproduzindo os símbolos ali existentes. Desde sua fundação, em 2020, tem inspirado o trabalho artesão através de materiais como barro, fios e madeira.

A Mostra Reinado dos Mestres foi fundamental para que a própria população de Mauriti e os cidadãos das cidades vizinhas pudessem conhecer o sítio arqueológico, através de fotografias e imagens. É sabido que, por vezes, a memória local se difere do fato histórico, destoando - ainda que sutilmente - da veracidade dos fatos e entrando em um mundo fantasioso, em que lendas ganham proporções fora do imaginário para serem vistas como a verdade absoluta daquele local.

Neste ponto, a arte também ganha vida dentro das lendas locais, pois o artesanato bordado, frequentemente gera renda e movimenta a economia, com acessórios de vestuário e para a casa, mesa e banho: como bermudas, capas de almofadas ou toalhas, facilitando aos turistas, admiradores e conterrâneos levarem um pouco da cidade para sua

---

<sup>3</sup> Disponível em: IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/mauriti.html>. Acesso em 20 jul 2024.

casa, ou ainda mais: um pedaço da história. Assim, o trabalho artesão inspirado nos símbolos escritos na Pedra, auxilia para que a memória da região não seja esquecida.

### **O tempo e as vivências**

O tempo é um fator que permite e marca ressignificações e rupturas nas vivências grupais e no modo de organização de um povo, na sua cultura, valores e crenças. É a partir dele que são medidas as experiências que exprimem um legado, olhares sobre o passado que vislumbram o futuro. Por conseguinte, a linguagem é a característica que materializa tais experimentações. Desde a pré-história, nossos ancestrais se preocuparam em dividir suas experiências por meio de registros visuais. Em decorrência disso, adquirimos novas formas de criar e contar nosso legado através de códigos, símbolos, desenhos e variadas expressões que permitem que as histórias sejam passadas a cada geração.

Desse modo, é importante considerar que as imagens têm um aspecto fundante e singular na vida e na comunicação dos sujeitos, em sua percepção e interpretação sobre o mundo e ao que dialoga com as suas vivências. As imagens favorecem a mediação de coisas que não precisam ser ditas, apenas apreciadas ou sentidas. Santaella (2005, p. 22) enfatiza que:

Para fazer frente a essa complexidade, [tem] utilizado como categorias analíticas a configuração das culturas humanas em seis grandes eras civilizatórias: a era da comunicação oral, a da comunicação escrita, a da comunicação impressa, a era da comunicação propiciada pelos meios de comunicação de massa, a era da comunicação midiática e, por fim, a era da comunicação digital.

Para tanto, designar e nomear os fenômenos que nos constituem como sujeitos requer refazer um percurso pelo passado. Ligado, segundo Krenak (2022), a ancestralidade que antecede o progresso e o desenvolvimento humano, e que está na natureza, no meio natural, de onde surgimos e de onde nossos antepassados, ao dominar o fogo, a agricultura e tantas outras tecnologias, conseguiram erguer seu legado social, até a chegada do desenvolvimento e das parafernalias que dispomos hoje. Ferramentas que moldam nosso repertório diante do que é vivido.

Os registros rupestres foram e são até hoje, símbolos e representações intrigantes sobre a vida de nossos antepassados, seus conhecimentos adquiridos e seus desejos de

registrarem tais representações. Essas inscrições favorecem o surgimento de interpretações diversas, inclusive de histórias, causos e mitos que giram no entorno popular. Por isso, Beltrão (1971) defende a ideia de que a cultura e o folclore sempre caminharam em parceria na representação do legado das civilizações.

Para Conceição Evaristo, o registro das vivências, nomeado por ela de “escrevivências”, extrapola a versão literária tal qual conhecemos, se conecta aos relatos, a oralidade, a capacidade de estabelecer vínculos com a memória a partir do cotidiano das pessoas. Para tanto, ela apresenta que: “pensar a Escrevivência como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica” (Evaristo, 2020). Embora a escritora aplique o conceito de escrevivência com foco em temáticas femininas, relacionadas a mulheres negras, podemos pensar o papel dessas experiências em diversos âmbitos sociais, que ajudam a explicar um percurso histórico na busca por identidade e representação. Considerando a amplitude da temática e o repertório por ela evocado.

O papel social da oralidade garante a perpetuação de costumes e impede o apagamento de culturas, pois é através da captação de narrativas que se molda um repertório sociocultural. Neste sentido, um dos maiores entusiastas das afetações na cultura sob o meio e as vivências sociais, foi Stuart Hall, em seus estudos, dedicados a compreender o elo tangível existente que rege os gostos e os costumes sociais na tríade mídia, sociedade e cultura, ele aborda que aspectos de identidades são moldados a partir de características culturais, que estão presentes no meio em que o sujeito atua.

Dessa maneira, a oralidade manifesta através da cultura, pensamentos fundantes e civilizatórios, que espelham relações para além da transmissão de conhecimento, e se fortalecem em diversos âmbitos, como na formação social e na educação como um todo, por meio de valores éticos, morais e institucionais, que exprimem resiliência diante da possibilidade de documentação etnográfica e antropológica que resguarda a práxis. Todavia, Amado (1997, p.146), explica que no diálogo de investigação com as fontes, deve-se ter minucioso cuidado ético e social, uma vez que:

Pessoas, entretanto, não são papéis. Conversar com os vivos implica, por parte do historiador, uma parcela muito maior de responsabilidade e compromisso, pois tudo aquilo que escrever ou disser não apenas lançará luz sobre pessoas e personagens históricos (como acontece

quando o diálogo é com os mortos), mas trará consequências imediatas para as existências dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais. Nesse sentido, existe semelhança entre o trabalho dos historiadores que pesquisam fontes orais e o dos jornalistas, cujos textos também têm o imenso poder de influenciar diretamente os destinos das pessoas e os desdobramentos dos fatos a que se referem.

No âmbito da comunicação, a cultura se apresenta de maneira plural, a partir de mecanismos que estruturam relações de poder, reconhecimento e legitimação, por meio da capacidade de tornar possível e público uma gama de conhecimentos e viabilizar múltiplas perspectivas de um mesmo objeto através de dispositivos midiáticos, capazes de produzir e disseminar informações em massa.

Essa reprodução garante o alcance a pessoas de diferentes geolocalizações a conteúdos e conhecimentos. Para Benjamin (1987), a possibilidade de reprodução estava ligada a capacidade de politização das massas, mas para além disso, em uma perspectiva otimista, o autor enfatiza a capacidade de criação de novos modelos de arte, a partir da reprodução, como um viés emancipatório ou mesmo a capacidade para a perpetuação de uma determinada cultura.

Nesta seara entre a comunicação e a cultura, são inseridos elementos de representação que se somam às artes e as expressões, apreciados através de quadros, fotografias, pinturas, bordados e outros ofícios artesanais, que exprimem um jeito autoral de cada sujeito em expressar seu olhar, que como Amado (1997) considera, são fortes indícios de reconstituição da nossa história, que garantem vez e voz às experiências e as memórias de um povo.

## **Metodologia**

O percurso metodológico que norteia esta pesquisa, baseia-se em uma análise qualitativa, a fim de investigar a historicidade repercutida através da comunicação e da oralidade em torno da Pedra da Letra, que espelha relações de ancestralidade e influência na cultura local, através da reprodução das imagens, por meio do artesanato. Sob esta prerrogativa, Minayo e Costa (2018) acreditam que a investigação qualitativa tem impacto direto nos fenômenos sociais. Para tanto, o ponto de partida desta apuração surgiu em meio a I Mostra Reinado dos Mestres, um evento realizado em abril deste ano, na cidade de Mauriti, Ceará, que tem o intuito de celebrar e promover a cultura local.

Em um primeiro momento, foi decisivo para a construção desta pesquisa delimitar o tema e as personalidades que iriam compor o rol de entrevistados. Durante as atividades da I Mostra Reinado dos Mestres, conhecemos Rafael, um jovem responsável por fazer a curadoria da exposição, além de mostrar a importância histórica da Pedra da Letra, nos proporcionou subsídio para que as primeiras indagações surgissem. Ele nos apresentou ao Grupo PELE, o qual era integrante e promoviam ações em razão da preservação do sítio arqueológico em que a pedra está localizada. Em seguida, durante uma feira de artesanato realizada na quadra do evento, tivemos a chance de explorar mais profundamente a mitologia que envolve as escrituras da Pedra da Letra, com a orientação de Regina Pimenta. A partir desse ponto, selecionamos os entrevistados: Regina Pimenta, na qualidade de artesã; Yasmine Moraes, enquanto idealizadora da Mostra Reinado dos Mestres e colaboradora na organização do evento; além dos membros do Grupo PELE, o geógrafo Gilmar Dias e o paleontólogo Leandro Souza.

Como definimos o método qualitativo, optamos pela entrevista com perguntas semiestruturadas, para termos um espaço de abranger perguntas que pudessem ser respondidas de forma objetiva e subjetiva por cada entrevistado, com a finalidade de chegarmos ao resultado almejado: compreender as interpretações em torno das inscrições na Pedra da Letra, a sua representação e a influência de seu legado. É sabido que a entrevista é um dos meios para a pesquisa qualitativa, como discute Batista, Matos e Nascimento (2017, p. 24), uma vez que esse tipo de coleta de dados “[...] sobre um determinado fenômeno é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Por meio dela os pesquisadores buscam coletar dados objetivos e subjetivos. Considera-se a entrevista como uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas.”

É importante ressaltar que os questionamentos semiestruturados oferecem maior flexibilidade em sua formulação, tornando a interação entre entrevistador e entrevistado mais fluida. Nesse contexto, compreende-se a relevância da entrevista em investigações que buscam coletar dados abertos, justificando a escolha dessa abordagem ao se tratar de um tema relacionado ao imaginário popular, que se conecta diretamente com a cultura local.

Assim, por meio da fala de pessoas que viveram e cresceram na cidade e em torno das narrativas sobre a Pedra da Letra, bem como de ações de conscientização ou iniciativas que ressignificam os achados por meio da arte do artesanato, foi possível compor o quadro de entrevistas e depoimentos a serem coletados. Essas pessoas

contribuíram compartilhando suas histórias, registros, vivências e conhecimentos. Para tanto, além dos relatos captados durante a Mostra, foram realizadas entrevistas de forma virtual com o professor Gilmar Dias e o arqueólogo Leandro Souza, no dia 30 de julho de 2024. A artesã Regina Pimenta e a pesquisadora Yasmine Moraes, contribuíram com depoimentos fornecidos por meio do WhatsApp.

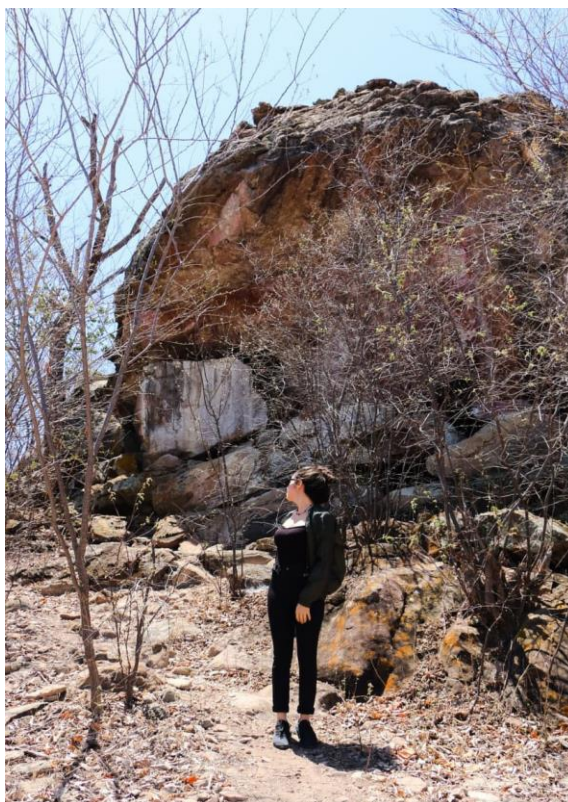
Parte das fotos e registros presentes neste trabalho fazem parte do acervo dos entrevistados, que cederam e autorizaram o uso das imagens. As demais foram registradas diretamente pelo autor. O estudo também incluiu apurações nas redes sociais, com destaque para dois perfis no *Instagram*: o primeiro, do Grupo PELE (@grupopele\_pedradalettraoficial), mostra as ações de preservação do sítio arqueológico, e o segundo, da Associação Mauritiense de Artesanato (AMA) (@amamauriti), foi utilizado para uma busca exploratória sobre a reprodução dos símbolos da pedra no artesanato local. Essa abordagem permitiu uma visão ampla da comunicação que, ao transitar entre a oralidade e as mídias digitais, se manifesta por meio da arte e do artesanato, ressignificando, reverberando e mediando a história de Mauriti.

Por fim, após a formulação e execução da metodologia, foi possível organizar este trabalho com o objetivo de compreender as relações que permeiam a oralidade e analisar como a "escrevivência" de Evaristo (2020) se configura como uma possibilidade dentro dos estudos da comunicação e da memória popular. O objetivo final foi, assim, construir uma narrativa que integrasse o conhecimento acadêmico ao saber popular.

### **Memórias costuradas**

Com a necessidade de compreensão do nosso objeto de pesquisa, enfrentamos o desafio de entender a união entre artesanato, a mitologia local e o que, de fato, é verídico na história da Pedra da Letra. A curadora da Mostra Reinado dos Mestres, Yasmine Moraes - creditada também por ter em sua exposição uma fotografia da Pedra da Letra, pontuou: “é o que temos, na sua singularidade, como primeira demonstração artística de Mauriti”. Como pesquisadora em semiótica, ela descreve os símbolos como: “As pinturas simbólicas ainda cheias de perguntas - mais do que respostas - envolve o que, para a comunicação, é primordial: o homem e seus símbolos que ultrapassam tempo e espaço”.

Figura 1- A entrevistada posa em frente à Pedra da Letra, mostrando a sua dimensão.



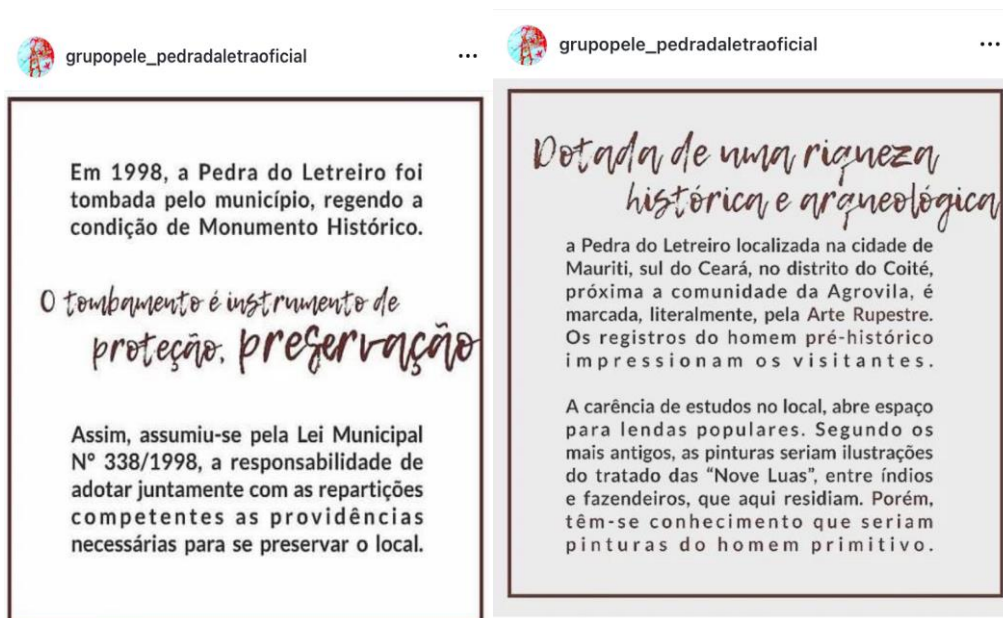
Fonte: foto de José Gonçalves, acervo pessoal de Yasmine Moraes (2023).

Em conversa com líder do grupo PELE, responsável pela preservação do local, o professor de geografia Gilmar de Sousa Dias, juntamente com Leandro Souza, arqueólogo e colaborador do projeto, compartilharam suas experiências no âmbito social de preservação do espaço e as expectativas para o futuro do sítio arqueológico. Dias (2024), explica que durante uma aula que ministrou com alunos do município de Mauriti, ao apresentar as figuras rupestres da Serra da Capivara (localizada no Estado do Piauí), percebeu o interesse dos estudantes na temática, por conseguinte, descobriu que na cidade em que lecionava, também existiam registros nas pedras feitos por antepassados locais.

Um estudo de campo foi feito, e foi constatado que não havia preservação do sítio arqueológico, moradores quebravam a rocha para fazer construções, pixos eram grafados, entulhos e resíduos sólidos eram depositados, além de abelhas que faziam suas colmeias e os habitantes iam retirá-las de forma a danificar o patrimônio ali existente. Foi a partir de uma tentativa de mudança desse cenário, por meio da conscientização, juntamente com a participação dos alunos, foi criado o Grupo PELE, a fim de preservar o sítio. O nome possui dupla significância: primeiro, representa a abreviação de “Pedra da Letra”, com as

iniciais de cada palavra, o segundo, faz referência ao maior órgão do nosso corpo, a pele: assim como ela protege todo o nosso organismo, o Grupo PELE, protege a Pedra da Letra.

Figura 2- Postagens sobre o Tombamento do local e as lendas que compõem o imaginário.



Fonte: *Instagram* @grupopele\_pedradalettraoficial (2021).

Souza (2024), narra as dificuldades em apontar uma precisão ao datar as pinturas rupestres da Pedra da Letra, ressaltando que o Brasil é um país que foi invadido, mas que antes disso acontecer, já existiam grupos que por aqui viviam, inclusive na cidade de Mauriti. Para tanto, ele destaca:

Que essas pinturas rupestres são elementos que caracterizam uma ambiência... esses grupos poderiam morar ali perto da pedra, mas também poderiam residir em espaços mais distantes, 10, 15 quilômetros... A pedra poderia ter sido utilizada como espaço simbólico e ritualístico, onde esses grupos faziam suas pinturas e voltavam. (Souza, 2024).<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Entrevista concedida pelo arqueólogo Leandro Souza, em 30/07/2024.

Figura 3- Pintura rupestre em espiral, registrada na Pedra da Letra.



Fonte: *Instagram* @grupopele\_pedradalettraoficial (2021).

O que buscamos na produção deste trabalho não é informar o que, de fato, está retratado nas pinturas rupestres, mas vivenciar e registrar o que foi interpretado daquele sítio, como Souza (2024) continua a discutir na entrevista. Pois para cada pessoa, há uma interpretação e decodificação diferente, surgindo aberturas para lendas e mitos:

Tem uma pintura na Pedra do Letreiro que ela é um círculo com vários círculos dentro, e a gente pensa que é um labirinto... A interpretação desses registros rupestres, quando ele é feito à luz da pesquisa científica, seguindo um método... Ele consegue estimar relações temáticas ali dentro deste grupo construído (Souza, 2024).

Para além dos saberes acadêmicos e científicos sobre as rochas, procuramos entender a comunidade que se desenvolveu no entorno das redondezas; pessoas que buscam manter vivas as histórias e lendas que ali foram contadas e recontadas durante décadas, tornando-se parte da história e sendo impossível decantá-las do imaginário Mauritiense. Em uma das ocasiões, conhecemos a historiadora e artesã, Regina Pimenta, que foi a responsável por nos apresentar os símbolos da Pedra da Letra. Antes, no entanto, precisamos fazer uma breve análise do que é um artesanato e da sua importância para a comunidade, Schmidt (2011, p. 121-122), vai dissertar que:

O artesanato é uma forma muito recorrente de demonstração do cotidiano. Por meio dele são registradas cenas do dia a dia, histórias, mitologias e tecnologias. Com as mãos, são registrados os anúncios do momento em madeira, metal, vidro, tecido, papel ou barro. Também plástico, fios, borracha, linhas, alimentos são usados como meio para essa produção. É a vida expressa em materiais e formas diversas. É a comunicação realizada entre os seus interlocutores por meio de canais próprios à sua identidade e localidade.

Assim, Regina Pimenta, juntamente com outras artesãs, utilizam-se especialmente do crochê e de outras técnicas do bordado para reproduzir e expressar o simbolismo de cada pintura que foi extraída da Pedra da Letra. Obras do passado, que se transformam em um novo tipo de arte. Pimenta (2024) relata a experiência durante um curso de artesanato, onde um designer buscou inspiração em um ponto histórico e transformou quatro grafias rupestres em crochê, para que as artesãs pudessem copiar, respectivamente: 1- O tratado de paz entre tupiniquins e tapuias, para passarem 12 luas sem conflitos, visto que haviam muitas baixas nas tribos. 2 - O símbolo que faz a contagem de quantos indígenas morreram na guerra, 3 e 4- os símbolos que mostram o caminho dos indígenas até o forte de guerra.

Figura 4 - Integrantes da AMA



Fonte: Acervo do autor (2024).

Essas interpretações fazem parte do imaginário popular e, segundo ela, podem ser consideradas verídicas, pois foram traduzidas por jesuítas que entendiam a linguagem local. Conta-se que as tribos que ali habitavam, viviam em conflito constante, neste cenário de guerra, era frequente registrar os acontecimentos, as vitórias e as tragédias em meio ao conflito. A professora retoma que uma das lendas mais conhecidas, retrata o território Tupiniquim, onde a própria comunidade indígena, assassinou uma das suas integrantes por ter se apaixonado por um homem branco. Todos esses fatos históricos estariam gravados na Pedra.

Figura 5 - Artesanato bordado por Regina Pimenta, com inspiração nos símbolos da Pedra da Letra



Fonte: Acervo do autor (2024).

## Conclusão

Este trabalho buscou fundamentar discussões acerca da Pedra da Letra e sua valorização enquanto sítio arqueológico, que resguarda a história da humanidade, e, ao longo do tempo, reconstitui o imaginário popular e se traduz em novas formas de

expressão da arte. Neste percurso, tornou-se possível relacionar pensamentos de autoras importantes que discutem as temáticas da oralidade e memória, sobressaindo a veracidade dos fatos, como discutido por Janaína Amado (1997) e Conceição Evaristo (2020).

Os relatos resgatados pelos autores, levaram a novos questionamentos sobre a interpretação da oralidade e até mesmo de como a história registrada em pinturas rupestres, como no caso da Pedra, nunca possam talvez ser compreendidas com veracidade, uma vez que estão sujeitas à interpretações e crenças relacionadas a subjetividade de cada espectador.

Entre as diversas formas de se manter viva a história, repassando-a de geração para geração, percebemos que a oralidade é a fonte primária no elo entre o passado e o futuro, que são questionados no presente. Assim, durante a pesquisa, percebeu-se que o trabalho de Regina Pimenta e de outras artesãs, representa muito mais que uma fonte de renda, como também, uma possibilidade de preservação do legado da ancestralidade local e um forte vetor de disseminação da cultura e do legado mauritiense. A AMA, possui hoje um perfil oficial no *Instagram*, onde são divulgadas as confecções que podem ser enviadas para todo o Brasil, favorecendo a disseminação dessas narrativas. Pontua-se ainda, que o artesanato representa produções da própria localidade com os recursos que lá se encontram e que o resgate dessa memória, perpassa o campo acadêmico.

Por fim, é essencial que a memória dos ancestrais da região de Mauriti não seja esquecida, mesmo que muitas vezes não se possa afirmar com certeza os acontecimentos dos antepassados, é mais do que necessário que as histórias e lendas permaneçam e sejam contadas e recontadas, pois, através delas, a preservação da memória se mantém, ainda que crie uma nova memorabilidade. Quando investigadas juntas, a pesquisa acadêmica e o imaginário da população, mostra-se nítido a indivisibilidade entre os dois campos, tornando-se parte um do outro, como foi possível demonstrar através deste trabalho, que não pretende esgotar o repertório convocado pela temática, tão pouco dos achados e historicidades resguardados em torno da Pedra da Letra.

## Referências

AMADO, Janaína. **A culpa nossa de cada dia: ética e história oral**. Projeto história: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 15, 1997.

BATISTA, Eraldo Carlos; DE MATOS, Luís Alberto Lourenço; NASCIMENTO,

Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, v. 11, n. 3, p. 23-38, 2017.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de ideias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

DIAS, Gilmar de Sousa. Entrevista concedida aos autores, em 30 de julho de 2024.

EVARISTO, Conceição et al. A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, v. 1, p. 26-46, 2020.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização de Arthur Ituassu. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, n. 40, p. 11-25, 2018.

MORAES, Yasmine. Depoimento concedido ao autor, em 01 de agosto de 2024.

PIMENTA, Regina. Depoimento concedido ao autor, em 31 de julho de 2024

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SCHMIDT, Cristina. **Artesanato**: mídia popular e o lembrar comunitário. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, São Bernardo do Campo, p. 121-128, 2011.

SOUZA, Leandro. Entrevista concedida aos autores, em 30 de julho de 2024.